Contos de encantar

O COELHINHO VERDE

L. 3622 5 P.

25

N.º 36225-R.

Contos de Encantar

n.º 30

Reservados todos os direitos,
conforme a legislação em vigor.

Imprensa Portuguesa—Rua Formosa, 108-116—PÔRTO

DEP. LEG.

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

L. 36225 P.

O COELHINHO VERDE

BONECOS DE PAM

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

N.º 160493

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
LISBOA
1944

160493

O COELHINHO VERDE

Era uma vez uma velha chamada Venançota que tinha uma neta chamada Venancita. A Venançota não podia trabalhar porque já era muito velhinha e a Venancita também não

porque ainda era muito pequena. De maneira que andavam as duas a pedir esmola; mas nenhuma delas era infeliz. Estavam costumadas àquela vida e contentavam-se com pouco.

Tôda a gente por aquêles sítios as conhecia e gostava delas. Iam por uma banda e por outra, por onde lhes dava na cabeça.

Ora um dia saíram elas de casa de manhãzinha, como de costume, para a sua ronda das esmolas. Quando chegaram à encruzilhada das estradas, a Venancita disse assim:

—E se a gente fôsse por êste caminho, avó? Parece um caminho novo. Nunca dei por êle.

A Venançota respondeu:

—A mim tanto se me dá.

E meteram pelo tal caminho que nunca tinham visto. Andaram, andaram...

Parecia um caminho encantado. Só arvoredo, relvas, ribeirinhos, flores muito lindas, e o ar tão fresco e bem cheiroso que a Venançota disse assim:

—Parece mesmo o Céu!

Mas por mais que andas-

sem, não viram nem uma aldeia, nem um casal, nem encontraram uma só pessoa. Iam tão contentes que não se importavam com a solidão nem sequer davam pela fome que levavam. Por fim sentaram-se à beira de um ribeirinho e, como iam cansadas, estenderam-se na relva e adormeceram.

O sol ia já alto quando a Venançota acordou. Sentiu que lhe puxavam pelos cabelos.

—Ó Venancita! Que é isto que está aqui a puxar-me pelos cabelos?

A Venancita levantou-se de um salto e viu um coelhinho verde a puxar pelos cabelos da avó.

Era um coelhinho muito

A Venanclta viu um coelhinho verde...

lindo. Grande, com o pêlo comprido, felpudo e lustroso como sêda, e com olhos de gente. A Venancita e a Venançota pasmavam para êle tão admiradas que nem falavam.

Então o coelhinho verde começou a andar diante delas, aos saltitos. Andava e olhava para trás como quem diz:

— Venham daí!

E elas foram-no seguindo. Nem podiam fazer outra coisa. Não viam nem pensavam em mais nada senão no coelhinho verde. Fartaram-se de andar.

Já quási ao fim da tarde o coelhinho verde parou defronte de um grande portão de ferro. Ergueu-se nas patas de trás e pôs as mão-

zinhas no portão como se quisesse empurrá-lo. E virava a cabeça e olhava para a Venançota com aquêles olhos de gente como se dissesse:

—Abre-me êste portão que eu quero entrar.

Mas a argola do fecho era muito alta e a Venançota não lhe chegava. Então a Venancita encarrapitou-se

nos ombros da avó, deitou a mão à argola e o portão abriu-se logo. Entraram todos três: a Venançota, a Venancita e o coelhinho verde.

Mas quando o coelhinho verde ia a passar, o portão fechou-se de repente com muita maldade e um ranger dos gonzos que parecia o rugir de um leão. E se não

fôsse a Venançota que lhe deitou as mãos e o susteve com quanta fôrça tinha, e a Venancita que entalou muito depressa uma pedra entre os dois batentes, o patife do portão teria ali esborrachado o coelhinho verde.

Quando as duas largaram o portão, puseram-se à procura do coelhinho verde.

Mas por mais que o procurassem, não o encontraram.

Então perceberam que estavam num jardim encantado. Flores e mais flores, e frutas e fontes e relvados, tudo tão lindo e com tão lindas côres que era um assombro. Mas nada era como devia ser.

A Venancita apanhou

uma laranja, e viu que a laranja era de vidro. Tudo era de vidro: frutos, flores, a água dos tanques, as fôlhas das árvores, tudo.

Repararam que ao fundo do jardim havia um palácio maravilhoso.

A Venancita começou a puxar pela saia da avó:

—Venha daí, avó! Va-

mos bater à porta do palácio, a ver se nos dão uma esmola.

E foram. Pelo caminho não encontraram ninguém.

A porta do palácio estava aberta. Mas nem guarda-portão, nem sentinela; nada. Entraram devagarinho, sempre olhando para um lado e para o outro. Como eram pobrezinhas e inocentes e,

não faziam nem queriam mal a ninguém, nada lhes metia mêdo.

O palácio lá por dentro era de pasmar. Tudo mármores, madeiras lavradas, ouros...

No meio de um corredor, a Venançota começou a fungar:

—Ih! Que cheirinho tão bom! Isto é alguma sopa

que está ao lume. Onde será a cozinha?

Foram indo atrás do cheiro e por fim chegaram à porta da cozinha que era enorme. Viram umas sombras que lá andavam de um lado para o outro numa grande lida. Mas nem falavam nem se lhes ouviam os passos.

A Venançota e a Venan-

cita esconderam-se atrás da porta; mas escusavam de se esconder, porque as sombras não faziam caso nenhum delas.

A Venançota disse à Venancita:

— Ouves a sopa a ferver? Berleberle... berleberle... Que bem que cheirá!

Então uma das sombras veio ter com elas e fêz-lhes

sinal de a seguirem. E levou-as por muitas escadas, corredores e salas até uma casa de jantar imensa e riquíssima.

A mesa estava posta. A toalha era de rendas finas, e os pratos de ouro. Estavam sombras sentadas à mesa, e outras a servir.

Havia dois lugares vazios, um ao lado do outro.

A Venançota disse assim à Venancita:

—Já agora é melhor a gente sentar-se à mesa a ver o que acontece.

Sentaram-se as duas muito bem repimpadas em cadeiras de ouro e veludo. Serviram-lhes logo uma sopa deliciosa, e um pastelão de perdizes, e trutas azuis, e faisão assado, e

pitéus. E muitos doces e bolos e frutas e vinhos excelentes e licores...

A Venançota e a Venancita nunca tinham comido e bebido assim em dias de sua vida.

Só diziam, lambendo os beiços, contentíssimas:

—Ai, que bom! Ai, que bom!

Quando acabaram, muito

satisfeitas e consoladas com a sua ceia, a Venancita preguntou à avó:

— E agora?

A Venançota respondeu logo:

— Agora temos que ir à procura de quem nos deu tantas coisas boas, para lhe agradecermos.

Saíram da casa de jantar e foram por êsses corre-

dores fora. As sombras tinham desaparecido.

Mas o palácio era tão grande e tantos os quartos, as salas, os corredores, as escadas, que por fim a Venançota e a Venancita perderam-se. Tinham as cabeças tontas e não sabiam já para que lado haviam de ir. Talvez fôsse também por terem comido e bebido

demais, coisa a que não estavam costumadas.

A Venançota disse assim:

—Isto é bruxaria. Eu tenho a cabeça num sino e não quero andar mais. Daqui a pouco é noite e, às escuras, ainda vai ser pior.

—Olhe, avó, respondeu a Venancita, está ali um quarto com duas camas.

E se a gente se deitasse e dormisse? Amanhã de manhã, com a luz do sol, havíamos de dar com os donos do palácio.

A Venançota achou boa a idéia. Entraram ambas no quarto, deitaram-se nas camas fofíssimas com as coberturas de rendas e linhos finos e sêdas ricas, e dormiram regaladamente.

Noite velha, a Venançota acordou e pôs-se à escuta. Ouvia ali perto uma pessoa aos ais e a chorar que se matava.

Saltou logo da cama e foi acordar a Venancita.

— Ouves, Venancita? Que é aquilo?

— É uma pessoa a chorar e aos ais, avó. Vamos ver

se damos com ela e se lhe podemos acudir.

Abriram devagarinho a porta para o corredor e foram andando guiadas pelos ais e suspiros. Chegaram diante de uma porta de prata que só estava encostada. Por detrás da porta deram com um reposteiro de veludo. Escondidas pelo reposteiro puseram-se à

espreita para dentro do quarto.

Era um quarto muito espaçoso todo atapetado de ricas alcatifas; e os cortinados da cama eram de sêda azul bordada a ouro e pedrarias. Muitos círios acesos iluminavam tudo como se fôsse de dia.

Diante de um toucador de prata lavrada e de cris-

tal, viram uma princesa linda como as estrêlas. As lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo, e os suspiros eram tantos, que a Venançota e a Venancita desataram a chorar só de ver aquela aflição. Mas não se atreviam a ir consolá-la por ser uma princesa coroada e elas umas pobrezinhas.

Deixaram-se estar no seu

canto sem saber o que haviam de fazer. E nisto a princesa abriu uma gaveta do toucador e tirou de lá uma fita de veludo, um pente de ouro e um penteador de sêda, e disse assim:

— Fita, pente, meu penteador! Quem me dera ver aqui o meu lindo amor!

E então o coelhinho

verde entrou no quarto e foi direito à princesa.

Ela pegou-lhe ao colo e começou a fazer-lhe muitas festas. As lágrimas que chorava eram tantas que o coelhinho verde ficou todo molhado; e ela enxugou-o com o penteador de sêda, e depois penteou-o com o pente de ouro e atou-lhe ao pescoço a fita de veludo.

Ora logo que ela deu o laço na fita, o coelhinho verde fêz-se num príncipe lindo como o sol; o príncipe ajoelhou aos pés da princesa, beijou-lhe a mão e disse assim:

— Ai, minha princesa encantada, quando hás-de tu casar comigo?

E ela respondeu muito triste:

—Como hei-de casar contigo, se estamos ambos encantados, tu num coelhinho verde e eu aqui prêsa neste palácio e todos os meus servidores mudados em sombras? E tudo por obra daquele maldito feiticeiro Zacor que não descansa enquanto nos não matar.

O príncipe disse:

—Se Zacor tem muito poder, a fada Mirabela que é minha madrinha também pode muito. Fica sabendo que hoje chegaram a êste palácio duas pobrezinhas que são espertas e boas e que devem ter sido encaminhadas até aqui por Mirabela.

—Bem sei, disse a princesa. E dei logo ordem para serem muito bem tra-

tadas. Mas coitadas das pobrezinhas! Como poderão ajudar-nos?

— Poderão levar daqui para fora a fita, o pente e o penteador que são as chaves dêste feitiço.

— Mas onde estarão a estas horas as pobrezinhas? tornou a princesa. Decerto se foram embora depois de receberem a sua esmola.

— Ai, minha rica senhora princesa do meu coração! disse a Venançota saindo detrás do reposteiro. Como havia a gente de se ir embora sem agradecer primeiro a quem tão bem nos tratou? Estamos aqui prontas a fazer tudo que pudermos para salvar Vossas Reais Altezas!

Mas nisto ouviu-se um

rugido como de um leão e no mesmo instante o príncipe ficou outra vez mudado em coelhinho verde.

—Escondam-se! Escondam-se! gritou a princesa. Isto é Zacor a apurar a garganta. O maldito é capaz de estar a espreitar pelas grêtas da janela!

A Venançota não disse uma nem duas. Deitou a

mão à fita e ao pente que escondeu no peito, embrulhou o coelhinho verde no penteador, atirou o saco das esmolas à Venancita, e pegando no coelhinho verde assim embrulhado, meteu-o debaixo do chaile.

— Não desanime, minha rica princesa, disse ela. Tudo se há-de arranjar!

E abalou pela porta fora seguida pela neta.

O palácio estava às escuras; e, depois de andarem algum tempo, nem a avó nem a neta já sabiam onde estavam nem como haviam de sair dali.

Então a Venançota desembrulhou o coelhinho verde, atou-lhe ao pescoço um baraço que achou no

bôlso e pô-lo no chão, guardando na mão a ponta do baraço.

— Meu rico príncipe, vá Vossa Alteza andando já que conhece tão bem os cantos dêste palácio e leve-nos daqui para fora.

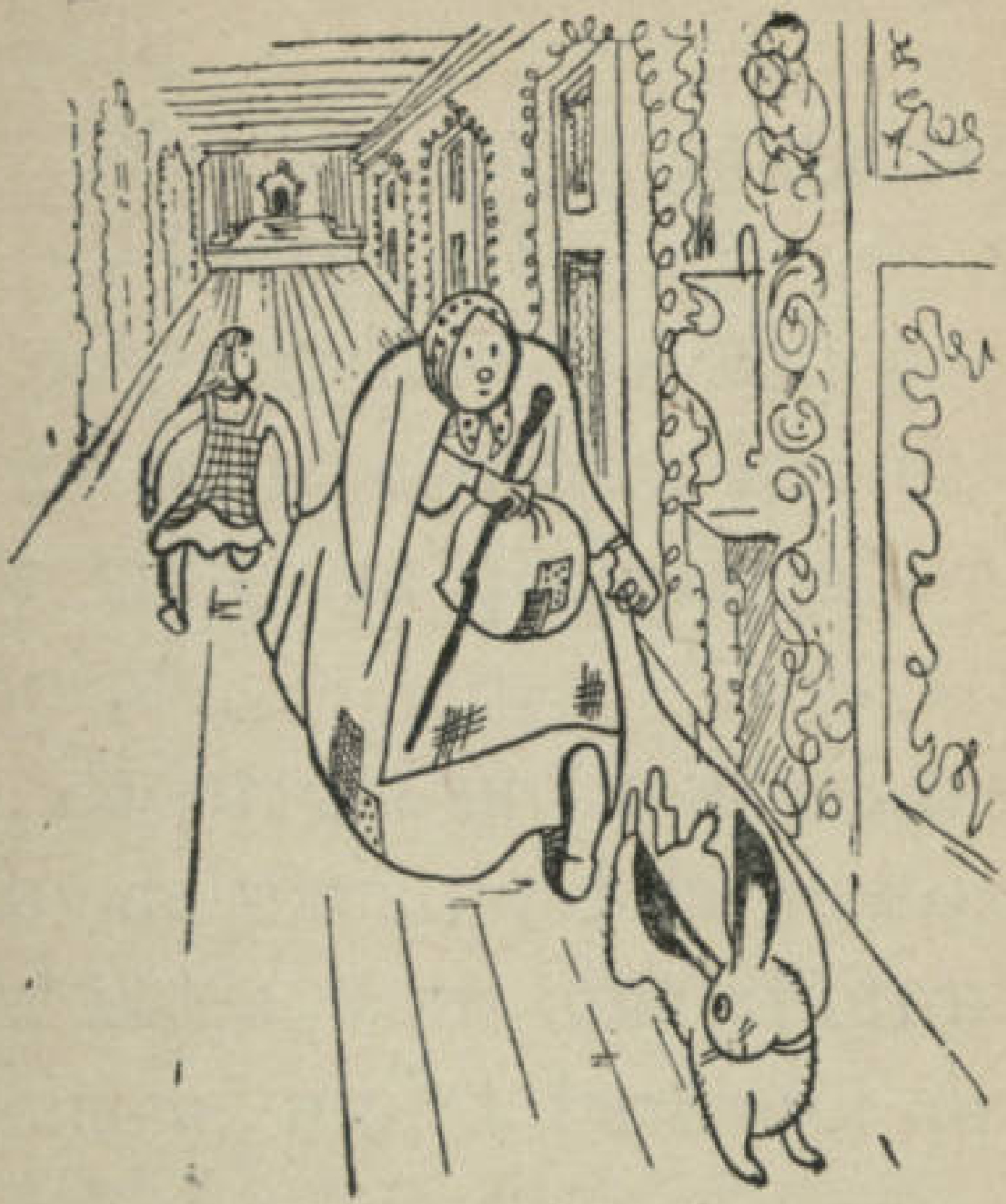
E assim foram andando, o coelhinho adiante, a Venançota atrás dêle com a ponta do baraço na mão,

e a Venancita filada à saia da avó.

Quando saíram do palácio, ia já a alvorecer. A Venancita disse logo:

—Avó, esconda o coelhinho verde! Aquêle paspalhão que ali anda, deve ser o feiticeiro Zacor!

A Venançota agarrou logo no coelhinho verde, embrulhou-o no penteador



E assim foram andando, o coelhinho adiante...

e escondeu-o debaixo do chaile.

Zacor apurou a garganta:

— Brrrrrum!

O estrondo foi tal que três rosas e quatro laranjas de vidro, se quebraram em fanicos.

Zacor era um homenzarrão de mais de dois metros de altura, com uma enorme peitaça, muito barbudo, de

botifarras altas e de facalhão à cinta. Feio que nem uma noite de trovões. Mas a Venançota logo percebeu que o feiticeiro era estúpido como uma porta.

— Olá! berrou Zacor. Alto lá! Quem são vocês? De onde vêm? Para onde vão?

A Venançota fêz-lhe uma cortesia, e disse:

— Ora aindo bem que encontro o senhor dêste palácio. Dê alguma coisinha à gente por amor de Deus. Temos andado a ver se descobríamos alguém que nos desse esmola. Mas não vimos ninguém. O senhor deve ser um grande rei, tão lindo e com tão bom porte, a passear neste jardim. Tem decerto uma

coroa na cabeça debaixo dêsse vistoso chapéu. E que barbas majestosas! Que real peitaça!

E a Venancita, muito pronta:

—A avó disse que o senhor era um rei. Conhece-se logo um rei!

Zacor cofiava as barbas, todo presumido. Meteu a mão ao bôlso e tirou um

—Que barbas majestosas! Que real pellaça!

punhado de moedas de ouro que deu à Venancita dizendo todo empantufado de presunção:

—Aqui está a esmola de um rei! E agora, rua!

Abalaram a trote contentíssimas; e a Venançota disse baixinho à Venancita:

—Com papas e bolos se enganam os tolos.

Foram andando até perderem de vista o jardim e o palácio. Iam a rebentar de riso.

— Grandessíssimo palerma! disse a Venançota.

E a Venancita ria que chorava.

Só depois de caminharem mais de duas horas pararam a descansar. Era tudo floresta. Não viam

casas nem gente, nem sabiam onde estavam.

O coelhinho verde saltou para o chão. Deitou os dentitos à saia da Venançota e começou a puxar.

— Já percebo, disse a Venançota, queres que a gente vá contigo, não é?

O coelhinho verde não podia falar, mas começou aos saltos, todo contente

por ver que tinham entendido o que êle queria. E aquêles seus lindos olhos de gente brilhavam de alegria. Meteu-se pelo mato dentro; e a Venançota e a Venancita atrás dêle.

Não havia caminho. Iam por aqui e por ali entre silvados, matagais, pedregulhos, conforme podiam.

Afinal chegaram defronte

de uma muralha tão comprida que parecia não ter fim, e tão alta que parecia tocar no céu. Não havia porta nem janela. A muralha estendia-se para um lado e para o outro a perder de vista. Não podiam passar dali.

—E agora? preguntou a Venancita.

O coelhinho empinou-se

contra a muralha e principiou a rapar nela com as unhitas. E de repente caíu um grande pedaço de caliça e apareceu uma porta; uma grande porta maciça tôda cravejada de pregos enormes. E a porta foi-se abrindo devagar. Ao mesmo tempo ouviu-se um grande toque de cornetas e rufos de tambores.

O coelhinho verde entrou e, atrás dêle, a Venançota e a Venancita.

—Ih, Jesus do Céu! disseram elas apenas viram o que estava do lado de lá da muralha.

Jardins maravilhosos, relvados, pomares, hortas, estátuas, tanques, repuxos, regatos, tudo muito bem tratado, um nunca acabar

de beleza. Defronte da entrada estendia-se uma larga e comprida alameda que ia dar lá ao longe a um palácio todo de mármore côr-de-rosa, todo recortado de janelas, varandas, arcarias, colunas, e todo embandeirado. E dos dois lados da alameda correntezas de oficiais e guerreiros e porta-bandeiras, e homens que

sopravam em trombetas compridas e outros que rufavam tambores. E por detrás dêles, muito povo. E todos gritavam:

— Viva o nosso príncipe! Viva o nosso príncipe Anzur!

O sol brilhava nas pontas das lanças; nos capacetes, nas espadas desembainhadas em continência.

O coelhinho verde, muito pequenino no meio de todo aquêle esplendor, avançava pela alameda fora, olhando para um lado e para o outro com aquêles seus grandes olhos de gente, cheios de tristeza.

De repente a Venançota lembrou-se da fita, do pente e do penteador e do príncipe dizer que estas três

coisas eram as *chaves do feitiço*. Parou no meio da alameda, deitou mão ao coelhinho verde, começou a limpá-lo com o penteador de sêda, a penteá-lo com o pente de ouro, e atou-lhe ao pescoço a fita de veludo. E gritou com quanta fôrça tinha:

—Fita, pente, meu penteador! Quem me dera

ver aqui o meu lindo amor!

E o coelhinho verde mudou-se logo no príncipe mais lindo que se podia ver.

Parecia que vinha tudo abaixo com vivas e aclamações. E o príncipe deu a mão direita à Venançota e a esquerda à Venancita e foi andando com elas pela alameda fora até chegarem

—Fita, pente, meu penteador!

ao palácio; isto sempre ao som das trombetas, tambores e gritos de alegria do povo.

Quando entraram no salão nobre do palácio, a Venançota e a Venancita, pasmadas e envergonhadas, não sabiam onde haviam de se meter; porque o salão enorme era um esplendor de riqueza e estava cheio

de senhores e senhoras da Côrte, muito tafulos, vestidos de sêdas e veludos e resplandecentes de rendas, fitas, plumas, ouros, e pedras preciosas.

E elas de sapatos rotos e com os seus fatos poïdinhos e remendados no meio de tudo aquilo!

Mas o príncipe não quis saber disso. Levou-as para

o fundo do salão, e sentando-se com elas em cadeiras douradas, disse assim:

—Eu sou o príncipe Anzur, filho do rei e afilhado da fada Mirabela que é muito poderosa. Mas o feiticeiro Zacor ainda pode mais do que ela porque lhe roubou o ôvo de ouro, do tamanho de uma ervilha, onde ela tinha

grande parte do seu poder. Quando fui baptizado, el-rei meu pai convidou Mirabela para ser minha madrinha, mas não convidou Zacor porque êste feiticeiro é muito bruto e cheio de maldade e el-rei meu pai nem de longe o queria ver. Então Zacor, para se vingar, enfeitiçou-me: quando eu chegasse aos vinte anos

havia de me tornar num coelhinho verde e a minha noiva havia de ser encantada. Quando Zacor me lançou êste fado, andava aqui nestes jardins a minha ama a passear comigo ao colo. A minha madrinha Mirabela acudiu logo; mas só teve tempo de traçar na terra, em volta do sítio onde eu estava, um risco

em redondo com a sua varinha de condão. Logo nesse risco se levantou aquela alta muralha que atravessamos. Desta muralha para dentro, Zacor não pode nada; se eu nunca saísse daqui, não corria perigo nenhum.

—Então por que sai Vossa Alteza daqui? preguntou logo a Venancita.

O príncipe respondeu:

—Primeiro porque ando muito namorado da princesa Benamor que é a minha noiva e parece-me que morria se não a visse pelo menos uma vez por semana. E segundo porque quero quebrar o feitiço de Zacor e dar cabo dêle.

Venançota disse:

—Eu queria que Vossa Alteza me explicasse o que é preciso fazer para quebrar o feitiço do Zacor. Bem sei que sou uma pobrezinha de Cristo, mas Deus dá fôrça aos fracos quando é preciso.

Nisto abriu-se a porta do fundo e a fada Mirabela entrou por ali dentro. Vinha tôda vestida de claridade

côr-de-rosa; trazia na cabeça sôbre os cabelos de ouro fino, uma coroa de brilhantes que faïscavam como sóis pequeninos; descia-lhe dos ombros um manto azul que arrastava no chão; trazia na mão uma varinha de condão que parecia um raio de luz.

O príncipe foi logo pedir-lhe a bênção; e os senho-

res e as damas da Côrte vieram fazer-lhe cortesias e beijar-lhe a mão. Mas ela só tinha olhos para a Venançota e para a Venancita que tinham ido meter-se, tôdas envergonhadas, no vão de uma janela. E por fim apontou para elas com a varinha de condão e disse assim:

— Olá, Venançota! Olá,

Venancita! Venham cá falar comigo.

E elas foram logo.

—Venançota, disse a fada, tu queres saber como se pode quebrar o feitiço de Zacor. É preciso tirar-lhe da bôca o dente do siso, do lado direito.

A Venançota perdera o acanhamento. Preguntou com todo o desembaraço:

— O de baixo ou o de cima?

— O de baixo, respondeu a fada. É um dente negro como carvão. É preciso tirá-lo inteiro porque no meio da raiz está o ôvo de ouro, do tamanho de uma ervilha, que tem dentro o poder que aquêle ladrão me roubou.

Venançota sentou-se numa almofada, encostou a

cabeça à mão e pôs-se a cismar.

Venancita disse:

—A primeira coisa precisa é que o feiticeiro tenha dores de dentes.

—Porquê? preguntou o principe.

—Para a gente fingir que o vai tratar; respondeu a Venancita, e êle abrir a bôca...

O príncipe e a fada não puderam suster o riso. Mas a fada pôs-se logo séria e disse:

— Olha, Venançota, devo prevenir-te de uma coisa; é que se lhe puxares pelo dente e não puderes arrancá-lo, Zacor mata-te.

Venançota encolheu os ombros e respondeu:

— Quem não se arriscou,

nem perdeu nem ganhou. Mas não se rale com isso, senhora fada. O que eu quero é saber onde mora o tratante do Zacor.

A fada Mirabela traçou no ar uns sinais com a ponta da varinha de condão, e disse à Venançota:

—Vai. À porta dêste palácio encontrarás um burro carregado com tudo

que é preciso. O burro te ensinará o caminho. Zacor a esta hora já está a torcer-se com as dores de dentes que lhe mandei. Não preciso recomendar-te coragem nem esperteza, pois vejo que tanto tu como a tua neta têm estas duas qualidades com fartura. Vão com Deus.

A Venançota e a Venan-

cita fizeram as suas despedidas e abalaram tôdas resolutas.

Lá no cimo de altas montanhas, entre penhascos negros e medonhos, levantava-se o castelo do feiticeiro Zacor que ali vivia com os seus servidores, oficiais e pajens, e ali preparava os seus malditos feitiços.

Zacor retorcia-se com dores em cima da cama.

—Ui! Ui! berrava êle, Ui! meus ricos dentes! Eu rebento! Eu morro! Tragam-me já um boticário, um barbeiro, um bruxo, seja o que fôr que me acuda e me dê remédio! Ui! Ui!

Os oficiais, os pajens, os criados, andavam numa

fona; ora lhe traziam pedras de gêlo, ora água a ferver, ora cozimentos de ervas, ora aguardente... Mas nada o aliviava e as dores iam cada vez a pior.

—Se daqui a meia hora me não trouxerem alguém ou algum remédio que me cure, mando-lhes cortar a cabeça a todos! berrou Zacor com voz tão estron-

dosa que todo o castelo tremia.

Nisto entrou pelo quarto dentro o porteiro do castelo.

— Meu senhor, disse êle, eu vi um boticário a passar lá na estrada com o aprendiz e mandei-os entrar. É boticário de alto lá com êle, todo empertigado e tafulo e traz um burro

gordo carregado de ferros e remédios. Mas diz que vai com pressa para casa de um príncipe que o mandou chamar. Diz que não se pode demorar.

Zacor sentou-se logo na cama com os olhos arregalados e gritou:

—Traz-mo aqui a bem ou a mal! Dá-lhe êste saco de dinheiro! Diz-lhe que,

se me curar lhe carrego o burro de ouro, e que, se não quiser vir, lhe mando cortar a cabeça!

O porteiro abalou a correr e daí a pouco voltava com a Venançota e a Venancita tão bem disfarçadas de boticário e de aprendiz de boticário, que ninguém era capaz de as conhecer.

O boticário avançou com

ares importantes e disse ao feiticeiro:

—Manda sair daqui tôda esta gente. Sou nervoso. Não faço coisa de jeito se vejo pessoas à roda de mim.

—Ui! Ui! guichou Zacor a torcer-se com as dores. Façam tudo que êle disser. Girem todos daqui!

Saíram todos os criados, os oficiais e pajens. Apenas

o último passou para fora da porta, o aprendiz do boticário (que era a Venancita) pôs-se em bicos de pés e deu duas voltas à chave na fechadura.

O boticário (que era a Venançota), disse a Zacor puxando uma cadeira para o meio do quarto:

—Senta-te nesta cadeira e abre-me essa bôca. Agora

vou tapar-te os olhos. Sou muito nervoso. Durante a operação não posso ver os olhos do doente.

Dizendo isto tapou-lhe os olhos com o penteador da princesa. Zacor estava por tudo. O que êle queria era ver-se livre das dores.

Então a Venançota deu a fita de veludo à Venancita que, disfarçadamente, atou

uma ponta às costas da cadeira e, com a outra ponta na mão, começou a dar voltas e mais voltas à roda de Zacor. A fita que era encantada tornou-se logo muito comprida e forte que nem uma corda de aço. Dai a pouco estava Zacor todo embrulhado na fita sem poder bulir pernas nem braços. Mas as

Sou muito nervoso...

dores de dentes eram tais que êle não dava por mais nada.

Feito isto, a Venancita começou a penteá-lo com o pente de ouro que, já se vê, era mágico; de modo que o feiticeiro não pôde mais mexer a cabeça. Nesta altura desconfiou e quis gritar; mas não pôde porque a Venançota já lhe tinha metido uma turquês enorme

pela bôca dentro e o tal dente prêto de siso estava muito bem filado. Não contente com isto, a Venançota trepou para cima dos joelhos do feiticeiro para poder fazer mais fôrça. E puxava o dente com quantas ganas tinha, torcia-o, dava-lhe cada sacão que ia tudo raso.

De repente o dente negro

saltou para fora da gengiva; e a Venançota, com êle filado na turquês, trambolhou com o impulso para o meio do chão. O tal ôvozito de ouro cheio de poder, que Zacor roubara à fada Mirabela e que era do tamanho de uma ervilha, rebolou pelo tapête do quarto; e a Venancita agarrou-o logo e, com mêdo

de o perder, atou-o na ponta do lenço e meteu-o no bôlso.

A Venançota levantara-se num instante; gritou com tôda a fôrça:

— Fita! Pente! Meu penteador! Mandai Zacor para as profundas do inferno!

E logo Zacor rebentou com um grande estouro e desfez-se em fumo. E o

castelo, com tudo que tinha dentro, desapareceu.

A Venançota e a Venancita acharam-se, sem saberem como, no meio do lindo jardim real do príncipe Anzur.

— E agora, avó? perguntou a Venancita.

— Agora vamos procurar a fada Mirabela para lhe

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

entregar o ôvozito de ouro. O seu a seu dono.

—E depois, avó?

—Depois vamo-nos embora que já não temos mais nada que fazer aqui.

Mas a fada Mirabela estava escondida atrás de uma roseira muito grande carregada de rosas, a escutar aquela conversa. E nisto apareceu defronte delas.

A Venancita desamarrou a ponta do lenço e deu logo o ôvo de ouro à fada. A fada agradeceu-lhe muito e disse:

—Olhem quem ali vem!

Quem havia de ser? O príncipe Anzur e a princesa Banamor, de mãos dadas, muito contentes da sua vida.

O príncipe disse à prin-

cesa, apontando para a Venançota e para a Venancita.

— Foram estas duas que nos salvaram quebrando para sempre o feitiço do maldito Zacor e dando cabo dêle.

E a princesa disse:

— O nosso casamento é amanhã ao meio-dia; e eu quero que a Venançota seja

a nossa madrinha. E Venancita é que há-de segurar a cauda do meu manto real.

O casamento foi muito lindo. Houve festas e mais festas, e tôda a gente comeu e bebeu e dançou até de madrugada.

A Venançota ficou sendo a camareira-mor da princesa Benamor; a Venancita criou-se na Côrte com todo

o preceito e veio a casar com um conde.

O príncipe e a princesa tiveram muitos meninos e foram muito amigos e muito felizes.

E a fada Mirabela ganhou muito poder com o ôvo do tamanho de uma ervilha, e nunca se fartou de fazer bem a tôda a gente.

FIM

Agora que voltou a última página diga-nos uma coisa: gostou destas histórias?

!!!

Não conseguimos ouvir a resposta mas estamos certos de que ela foi mais ou menos esta: «Gostei. Estas histórias são muito bonitas». Depois, houve, com

certeza, uma pausa e continuou: «De resto, tôdas as histórias da Joaninha o são».

De que isto se passou assim mesmo, não temos dúvidas. E é por estarmos certos de que procuramos servir o gôsto verdadeiro dos nossos pequenos leitores, esforçando-nos por colaborar na sua educação e formação do espírito, que, neste momento,

e na última página dêste livro de que todos gostaram, podemos dizer:

«Ouça, leitor miúdo. Você hoje gosta destas histórias porque anda de bibe e calção e, para si, a vida cabe inteirinha dentro duma joaninha. Daqui a uns anos, a poucos anos, você deixará de ser miúdo e, então, quererá outros livros que não os da sua pequena

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

colecção infantil. Nessa altura, sabe o que deve fazer? Procure os livros da colecção da Clássica Editora «Os melhores Livros para Crianças» em que estão reünidos, na verdade, os melhores livros para crianças. Seguirá, então, interessado, as aventuras de *Emílio e os Detectives*, de *Emílio e os Três Gémios*, vibrará de entusiasmo com *Céu Aberto* e *Em pleno Azul*

(dois livros que nunca mais há-de esquecer), aprenderá a vida duns bichinhos que nasceram arquitectos e que fazem as suas casas nas terras dos Índios ao ler *Aventuras de dois miúdos e dois castores* e rirá a bom rir com a *História de Dona Redonda e da sua Gente.* Já sabe, portanto, o que tem a fazer...

CONTOS DE ENCANTAR
(série Joaninha)

VOLUMES PUBLICADOS :

1 — João Feliz
2 — A Lebre e o Ouriço
3 — Branca de neve e Rosa Encarnada
4 — João Fiel
5 — O Alfaiatinho Valente
6 — O Coelho matreiro
7 — A orelha do diabo
8 — Vingança de Colibri
9 — O Dragão das escamas de aço
10 — A Raposa e o Lôbo
11 — A Pombinha branca
12 — A última varinha de condão
13 — O nariz comprido
14 — Os anões da floresta
15 — Sete varinhas de ginjeira
16 — As três engeitadas
17 — A Bruxa do Bosque
18 — A Princesa encantada
19 — A cabeça da Medusa
20 — A Raínha das Abelhas
21 — O Rei das orelhas de burro
22 — O Anel Mágico
23 — O Cãozinho Azul
24 — Pinto Pintalegrete
25 — O Sonho do Pastorinho
26 — O Mágico do Castelo das Nuvens
27 — A Burrinha Toleirona
28 — Sempre Pronto
29 — As três bolas de sabão

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

E
36

OFICINA GRÁFICA, LIMITADA